



miguilim

revista eletrônica do neêli

volume 7, número 2, maio-ago. 2018

HALL, S. The work of representation. In: HALL, S. (Org.). *Representation: cultural representation and cultural signifying practices*. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997. p. 13-74.

RESENHA

Walter Vieira BARROS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE,
Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTA RESENHA](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 04/04/2018 • APROVADO EM 03/08/2018

Texto integral

Sociólogo e importante teórico dos Estudos Culturais, o jamaicano Stuart Hall nasceu em 3 de fevereiro de 1932 na cidade de Kingston, capital da Jamaica. Hall mudou-se para a Inglaterra em 1951, após ganhar uma bolsa de estudos Rhodes para estudar na Universidade de Oxford. Em 1964, entrou para o Centro de Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade de Birmingham; assumiu a direção desse centro em 1968 e lá permaneceu até 1979. Hall foi professor de sociologia na *Open University*, onde se aposentou em 1997 e se tornou Professor Emérito. Em 2014, faleceu aos 82 anos na cidade de Londres.

The work of representation, um de seus trabalhos mais conhecidos, foi publicado como capítulo do livro *Representation: cultural representations and*

signifying practices (Representação: representações culturais e práticas de significação¹), publicado em 1997, que o próprio autor editou, agrupando textos de diferentes autores. No referido capítulo, Hall (1997) discute acerca do papel da representação nas práticas de significação. De acordo com o autor, o conceito de representação ocupa um lugar importante no estudo da cultura, pois a representação conecta o significado e a língua(gem) com a cultura.

Tradicionalmente, conforme explica Hall (1997), entendia-se que as “coisas” existiam no mundo natural e que suas características as definiam, estabelecendo um significado claro e estável. Com isso, a representação era entendida como algo secundário, pois só era utilizada depois que os sentidos já estavam determinados. Porém, com a virada cultural, os significados passam a ser compreendidos como construídos e não encontrados, posicionando a representação não como algo secundário, mas como algo constitutivo das “coisas”.

Com a virada cultural, o conceito de cultura também passa por mudanças. Embora reconheça o quão difícil seja defini-la, Hall (1997) argumenta que tradicionalmente cultura se referia ao melhor que foi pensado e dito em uma sociedade. Em uma perspectiva um pouco mais moderna, porém na mesma linha de pensamento da tradicional, cultura também passou a considerar as produções das massas, estabelecendo uma dicotomia entre cultura elevada e cultura popular.

Nos últimos anos, no entanto, o termo cultura tem sido utilizado para se referir a um modo de vida, aos costumes e valores de um grupo e à produção e intercâmbio de sentidos entre os membros de um grupo, de uma sociedade. Logo, dizer que duas pessoas têm a mesma cultura implica entender que ambas interpretam o mundo de formas semelhantes e se expressam de modo a serem compreendidas pelos membros da comunidade/sociedade da qual fazem parte.

A representação conecta o significado e a língua(gem) com a cultura. Ela é uma parte fundamental do processo pelo qual os sentidos são produzidos e intercambiados entre membros de uma cultura. Isso ressalta o caráter *não natural* do significado, uma vez que salienta que o sentido não é inerente as “coisas”, mas é resultado de uma prática de significação, prática que produz sentidos, prática que faz as “coisas” significarem. A relação entre signo, conceito e objeto é arbitrário. O sentido não está no objeto, nem está na palavra, somos nós quem fixamos o significado tão firmemente que, após um tempo, ele parece natural. O significado é fixado socialmente; fixado na cultura.

Hall (1997) explana que há dois sistemas de representação: um sistema de representação mental, denominado pelo autor como “mapa conceitual” (conceitos de coisas que varia de cultura para cultura; um modo de ver o mundo) e a língua(gem) – uma língua(gem) compartilhada entre os membros de uma cultura/sociedade. Por meio desta última, comunicamos os conceitos do primeiro sistema e o processo que liga os três elementos (coisas, conceito e signo) é a representação.

De forma geral, segundo Hall (1997), há três abordagens para explicar como funciona a representação dos sentidos por meio da língua(gem): a) a reflexiva, que entende a língua(gem) como um espelho que reflete o significado já existente no mundo – o verdadeiro significado; b) a intencional, que entende o indivíduo como

aquele que impõe/cria o significado expresso por meio da língua(gem); e c) a construcionista, que entende a língua(gem) como um produto social onde os significados são construídos.

Fazendo referência a Saussure, Hall (1997) explica que língua(gem) é um sistema de signos (palavras escritas, sons, imagens, pinturas fotografias etc.) e que os sentidos são produzidos dentro de uma história e de uma cultura. O signo é arbitrário e sujeito à história. Dito isso, Hall, utilizando terminologias saussurianas, chama os dois sistemas de representação de significante (linguagem) e de significado (sistema conceitual), como uma forma de ressaltar o caráter não fixo e não natural dos sentidos. Nas palavras do autor, os significados:

Devem ser ativamente ‘lidos’ ou ‘interpretados’. Conseqüentemente, há uma necessária e inevitável imprecisão na língua(gem). O sentido/significado que percebemos como espectadores, leitores ou audiência nunca é exatamente o sentido/significado que foi dado pelo falante ou escritor ou outros espectadores. [...] o leitor é tão importante quanto o escritor no processo de produção de sentidos². (HALL, 1997, p. 32-33).

De acordo com Hall (1997), a divisão entre a parte social da língua (*langue*) e os atos de comunicação (*parole*) feita por Saussure serviu para desestabilizar o senso comum de que a língua vinha do indivíduo, entendido como o autor ou o gerador dos sentidos (conforme abordagem intencional da linguagem). Com isso, a língua(gem) deixa de ser entendida como mero meio transparente entre “coisas” e significados.

Embora o estudo de Saussure tenha focado na língua (sistema linguístico), suas contribuições, após sua morte, têm sido exploradas por estudiosos engajados numa abordagem mais ampla da língua(gem) e do significado em objetos e práticas culturais – a semiótica. Porém, conforme aponta Hall (1997), a semiótica parece reduzir o processo de representação à língua(gem), como um sistema fechado e estático.

Defendendo uma perspectiva discursiva, Hall (1997) explica que para Foucault o foco é a construção de conhecimento por meio do discurso. Isso se apresenta como uma perspectiva menos fechada na língua(gem), pois ver a representação como fonte para a construção de conhecimento social. Um sistema mais aberto e mais conectado com práticas sociais e questões de poder.

Foucault não estudou a língua(gem), mas o discurso como sistema de representação. O discurso, para Foucault, é:

Um grupo de declarações que proporcionam uma língua para se falar – uma forma de representar o conhecimento acerca de determinado tópico em determinado momento histórico. ... Discurso tem a ver com a produção de conhecimento através da linguagem. Porém, uma vez que todas as práticas sociais implicam

sentidos, e sentidos moldam e influenciam o que fazemos – nossa conduta –, todas as práticas tem um aspecto discursivo³. (HALL, 1997, p. 44).

Foucault também era construcionista, porém, ao contrário da semiótica, ele estava preocupado com a produção de conhecimento e de sentidos por meio do discurso, não por meio da língua(gem).

Ainda fazendo referência a Foucault, Hall (1997) explica que a abordagem discursiva se diferencia do caráter abstrato da semiótica. Segundo o autor, “coisas” significam algo e eram/são consideradas verdadeiras apenas em um contexto histórico específico. O conhecimento sobre e a prática acerca de algum tópico são sempre situados historicamente e culturalmente. Tal ‘tópico’ não existiria fora de um discurso: fora das formas que ele é representado em um discurso, produzido em conhecimento e regulado pelas práticas discursivas de uma sociedade em tempos específicos.

Segundo Hall (1997), Foucault rejeitou o reducionismo da teoria Marxista a relação de classes e explica que o conhecimento é sempre uma forma de poder; e poder está implicado com a questão de *se* e *em que* circunstâncias um conhecimento pode ser aplicado ou não.

O conhecimento, relacionado com o poder, assume autoridade de verdade e a capacidade de tornar-se verdadeiro. Quando usado para regular a conduta dos outros, o conhecimento implica restrição, regulação e disciplina de práticas. O poder é exercido através de uma organização em rede e, portanto, não está posicionado em um único lugar e nem é apenas exercido de cima para baixo. Ele permeia todos os níveis da vida social.

Dessa forma, a própria noção de sujeito, assim como a de discurso, passa a ser historicizada. Hall (1997) enfatiza a propriedade do discurso de, ao mesmo tempo em que produz o sujeito, determinar um lugar a ser ocupado por esse sujeito – é a partir dessas posições que são compreendidos um conhecimento particular e o significado do sujeito. Esse sujeito só terá sentido quando se identificar com as posições construídas pelo discurso e se sujeitar as regras de tal discurso.

Considerando a sociedade contemporânea, marcada pela globalização e pelo intenso embate entre o global e o local, que ressalta ainda mais como o poder opera de forma complexa e em todos os níveis da sociedade, o texto “The work of representation”, embora publicado em 1997, apresenta discussões relevantes e, principalmente, atuais, acerca do papel da representação nas práticas de significação. Dessa forma, acredito que as discussões empreendidas no referido texto possam instigar mais reflexões, trazendo contribuições para os profissionais que, de alguma forma, lidam com a língua(gem), a cultura, o discurso, o poder e os significados, seja na área de Letras, Educação, Estudos Culturais, Ciências Políticas, Comunicação, entre outras.

Notas

¹ Esta e as demais traduções ao longo deste texto foram feitas pelo autor da presente resenha. Feito este esclarecimento, não utilizarei, nas próximas traduções, a expressão “tradução minha”.

² “[...] has to be actively ‘read’ or ‘interpreted’. Consequently, there is a necessary and inevitable imprecision about language. The meaning we take, as viewers, readers or audience, is never exactly the meaning which has been given by the speaker or writer or by other viewers. [...] the reader is as important as the writer in the production of meaning”. (HALL, 1997, p. 32-33).

³ “[...] a group of statements which provide a language for talking about – a way of representing the knowledge about – a particular topic at a particular historical moment. ... Discourse is about the production of knowledge through language. But. ... since all social practices entail meaning, and meanings shape and influence what we do – our conduct – all practices have a discursive aspect”. (HALL, 1997, p. 44).

Referências

HALL, S. The work of representation. In: HALL, S. (Org.). *Representation: cultural representation and cultural signifying practices*. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997. p. 13-74.

Para citar esta resenha

BARROS, Walter Vieira. Resenha de: HALL, S. The work of representation. In: HALL, S. (Org.). *Representation: cultural representation and cultural signifying practices*. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997. p. 13-74. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 7, n. 2, p. 552-556, maio-ago. 2018.

O autor

Walter Vieira Barros é mestrando do Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (previsto para concluir em julho de 2019). Graduado em Letras – Língua Inglesa pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.